

MOBILIDADE

JONATHAN HECKLER/ARQUIVO/JC



Modal hidroviário deve crescer na matriz logística brasileira

Hoje, somente 5% do transporte de mercadorias no Brasil é realizado pelas hidrovias

Ministério de Portos e Aeroportos diz que hoje são utilizados cerca de 20 mil quilômetros para navegação comercial, mas que há potencial para alcançar 42 mil quilômetros

“Hoje, somente 5% das mercadorias transportadas no Brasil são realizadas por hidrovias. Exploramos atualmente cerca de 20 mil quilômetros para navegação comercial e temos potencial para alcançar 42 mil quilômetros de navegabilidade”, afirmou Otto Luiz Burler, diretor da Secretaria Nacional de Hidrovia e Navegação do Ministério de Portos e Aeroportos, durante a sessão “Desatando Nós: Criando um Ambiente Atraente para Redução dos Gargalos Logísticos”, realizada na semana passada, na Rio Pipeline & Logistics. Ele destacou que as concessões hidroviárias

serão decisivas para oferecer um pacote de serviços, atrair capital privado, reduzir custos e diminuir a dependência de recursos públicos, com leilões previstos já para o primeiro semestre de 2025.

Na mesma mesa, Ana Mandelli, diretora executiva de Downstream do IBP, ressaltou a necessidade de garantir segurança jurídica para viabilizar investimentos em hidrovias, especialmente no Norte, onde a seca dificulta a navegabilidade e pressiona o escoamento da produção do Centro-Oeste.

Elaine Radel, da INFRA S.A., destacou que o planejamento logístico precisa ser tratado como política de Estado, com estudos bem estruturados, participação da sociedade e mitigação de riscos em concessões. Já Lucas Caetano, sócio da Leggio, apontou oportunidades em terminais marítimos e dutoviários no Paraná e no crescimento multimodal do Pará, que combina fluxos ferro-

viários e hidroviários, como caminhos para ampliar a competitividade da cadeia logística.

A integração de dutos em projetos de multimodalidade no Brasil ainda é um desafio. Durante o painel “Desafios para a Integração Logística: Explorando a Multimodalidade”, Marcos Ortolan, gerente de Desenvolvimento de Negócios da Transpetro, destacou que um único duto de 10 polegadas é capaz de transportar por semana o equivalente a um navio MR2, com cerca de 45 mil m³ de derivados de petróleo. “Os dutos são a espinha dorsal invisível da nossa logística de fluidos, capazes de desafogar rodovias e ferrovias.”

Vinicius Patel, diretor de Administração Portuária do Porto do Açu, destacou que a falta de conexão dutoviária limita a capacidade de escoamento e atração de novas cargas. Ele lembrou que o Porto do Açu dispõe do maior mineroduto em operação no mundo,

com 26 milhões de toneladas de minério transportadas por ano. O diretor Comercial de Carga Geral da Rumo, Igor Figueiredo, reforçou a necessidade de sinergia entre os modais. “Não se trata de competição, mas de integração. O Brasil precisa de todos os modais trabalhando em conjunto.”

Quatro anos após a sanção da Nova Lei do Gás, a indústria de transporte de gás natural no Brasil atua para destravar os investimentos no setor. No painel “Abertura do mercado e avanços regulatórios para expansão da rede de transporte”, os CEOs das principais transportadoras do País — Erick Portela Petteendorfer (NTS), Jorge Hijjar (TBG) e Tomaz Guadagnin (TAG) — ressaltaram os ganhos do processo de abertura e a necessidade de segurança jurídica e arcabouço regulatório robusto.

“Tivemos grandes transformações desde 2021, com o aumento exponencial no número

de contratos, impulsionado pela integração entre transportadoras”, afirmou Erick Portela Petteendorfer, CEO da NTS. Jorge Hijjar, diretor-presidente da TBG, destacou o biometano como uma nova fronteira, mencionando que a TBG já possui 17 cartas de intenção de produtores interessados em injetar o gás renovável na rede. Tomaz Guadagnin, CEO da TAG, enfatizou a importância do diálogo e do fortalecimento do modelo regulatório.

Na sessão Gás Natural no Brasil como combustível de transição energética e os desafios do licenciamento, especialistas discutiram investimentos na infraestrutura de transporte de gás e os desafios ambientais. Claudia Souza, gerente executiva da ATGás, ressaltou o Plano Coordenado de Desenvolvimento do Sistema de Transporte, que prevê R\$ 50 bilhões em novos dutos, estações de compressão e pontos de entrega.